



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/as-criancas-como-afirmacao-da-esperanca-no-futuro>

As crianças como afirmação da esperança no futuro: a necessidade de uma educação libertadora frente aos negacionismos

Patricia Kawaguchi¹

RESUMO: Este ensaio traz considerações sob um viés marxista sobre o negacionismo na condução da pandemia de Covid-19 por parte do governo brasileiro, seguidas por uma crítica à ideologia dominante que coloca o trabalho e a economia como mais importantes do que as vidas humanas que estavam sendo perdidas e arriscadas diariamente, usando para isso mitos como a figura do “mercado”. Apresenta reflexões sobre a invisibilidade das crianças na sociedade, por exemplo na política e durante a pandemia. É apresentado o exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com a construção da identidade das crianças como sujeitos participantes do movimento: as Sem Terrinhas. Costurando os pontos apresentados, a educação libertadora de Paulo Freire é reafirmada como necessária para a criação de uma sociedade que se liberte das opressões e do ódio.

PALAVRAS-CHAVE: Educação libertadora. Pandemia de Covid-19. Ideologia.

Children as an affirmation of hope for the future: the need for a liberating education in the face of negationism

ABSTRACT: This essay brings considerations from a marxist point of view about the negationism in the conduct of the Covid-19 pandemic by the Brazilian government, followed by a critique of the dominant ideology that places work and economics as more important than the human lives that were being lost and risked daily, using myths such as the figure of the “free market” for this. It presents reflections on the invisibility of children in society, for example in politics and during the pandemic. The example of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) is presented with the construction of the children's identity as participants in the movement: the Sem Terrinhas. Sewing together the points presented, Paulo Freire's liberating education is reaffirmed as necessary for the creation of a society that frees itself from oppressions and hatred.

KEYWORDS: Liberating education. Covid-19 pandemic. Ideology.

Negacionismo. Essa palavra se tornou parte do nosso vocabulário durante a pandemia de Covid-19, quando vimos uma série de atitudes estarrecedoras por parte do governo. Começando pelo presidente minimizando a doença com afirmações que não tinham qualquer respaldo científico, passando pelo ativo boicote ao uso de máscaras, incentivo do uso de medicamentos que não



apenas não tratavam a doença mas poderiam trazer complicações, esforços para atrasar a vacinação, escândalo de propina, trocas de ministros e existência de um gabinete paralelo com médicas/os negacionistas... Tudo isso culminou em mais de 600 mil mortes, em uma pandemia que, embora o número de mortes felizmente tenha se reduzido, ainda não acabou.

Junto com negacionismo, outra palavra passou a ser associada ao governo brasileiro: **genocídio**. O presidente Jair Bolsonaro foi denunciado ao Tribunal Penal Internacional, em Haia, na Holanda, por crimes contra a humanidade, com o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI da Covid) como evidência. O atual Ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, debochou dizendo que vai “passear em Haia” junto com o presidente. Algumas pessoas afirmam que chamar Bolsonaro de genocida seria banalizar a palavra, mas como definir um governo que ativamente contribuiu para a morte de milhares de pessoas, mais especificamente parcelas específicas da população: pobres e idosos? A investigação conduzida pela CPI escancarou os horrores que aconteceram durante os piores meses da pandemia, evidenciando que não se tratou de mera negligência ou falta de competência.

Mesmo com todas essas informações, ainda existe uma base governista que defende o presidente e seus asseclas e encontra justificativas para tudo. A sensação de impotência é enorme: será que falhamos como sociedade? Como pode haver pessoas que não se incomodam com o aumento da miséria e com pessoas fazendo fila para receber doação de ossos, mas que estão sempre dispostas a ofender e julgar seus adversários políticos? Por exemplo, a polêmica esdrúxula em que personalidades como o deputado federal Eduardo Bolsonaro apontaram como hipocrisia o fato de marmitas do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto terem camarão – como se camarão fosse comida de luxo e como se pessoas pobres não pudessem se alimentar bem. Não é a fome que choca essas pessoas. Diante dessas manifestações de ódio, torna-se cada vez mais nítida a realidade da luta de classes – luta que muitas vezes parece que estamos perdendo.

Nesse sentido, o jurista e filósofo do direito Alysson Mascaro pontua que a pandemia não se limita à explicações biológicas ou da natureza, apenas sobre o vírus e a doença. “A crise atual é estrutural na economia, na política e na sociabilidade” (MASCARO, 2020, p. 15). Ou seja, precisamos observar a totalidade do cenário brasileiro para compreender por que a pandemia atingiu tamanhas proporções no país e por que foi tratada aqui dessa maneira desastrosa. O



problema não começou em março de 2020. “O flagelo do desemprego, as habitações precárias para suportar quarentenas, as contaminações em transportes públicos lotados e a fragilidade do sistema de saúde são, exata e necessariamente, condições históricas de um modo de produção específico, o capitalismo” (MASCARO, 2020, p. 7).

O atual governo não é o único responsável pelo absurdo número de vidas perdidas em decorrência da pandemia. Os empresários que pressionaram tanto pela reabertura do comércio e de seus estabelecimentos, colocando a vida de tantas trabalhadoras e trabalhadores em risco, também têm sangue nas mãos. Por exemplo, o empresário Junior Durski, dono da rede de restaurantes Madero, disse ainda em março de 2020 que o país não poderia “parar de trabalhar” pois as consequências econômicas seriam pior do que o número de mortes, estimadas por ele em 5.000². Como diz Kurz (2014, p. 373 apud JAPPE et al, p. 52): “Os sanguinários sacerdotes dos astecas eram inofensivos e amigáveis em comparação com os burocratas do sacrifício ao fetiche do capital global no seu limite interno histórico”.

Outro exemplo digno de nota foi o vídeo da campanha “Milão não para”, contra o fechamento dos comércios e as medidas de quarentena e isolamento social. Esse vídeo posteriormente foi copiado pela Secretaria de Comunicação do governo brasileiro, que postou a campanha “O Brasil não pode parar”. Um mês após a campanha e após considerável aumento no número de infecções e mortes, o prefeito de Milão, Giuseppe Sala, admitiu que foi um erro³. Os brasileiros nunca se desculparam. Pelo contrário, em uma atitude bizarra o governo federal **negou** a existência da campanha, dizendo que o vídeo postado era apenas uma proposta que não chegou a ser aprovada e que foi publicado como ação isolada⁴.

Basta olhar as redes sociais para ver os maiores malabarismos argumentativos para tirar do governo a culpa pela miséria do povo brasileiro. Dizem que a culpa é da pandemia, pois todos os países estão passando por uma crise. Dizem que a culpa é do “fique em casa” – sendo que nem houve um *lockdown* consistente no país –, reclamam que as pessoas não querem trabalhar, apostam que se flexibilizar – entenda-se precarizar – as condições de trabalho haverá mais empregos... numa tentativa de tirar a culpa do capitalismo.

Martelando incessantemente o panorama de uma economia mundial em bom estado de saúde antes da covid-19 e projetando as causas da crise



para seu exterior, a ideologia apologética dominante busca, acima de tudo, absolver de qualquer culpa a corrida tresloucada da economia e impedir que, na situação atual, a crítica do sistema se reorganize (JAPPE et al, 2020, p. 32).

A educação é a nossa principal arma para lutar por um futuro melhor. Não é por acaso que ela é constantemente atacada pelos negacionistas, sob a justificativa de lutar contra imposições ideológicas, escondendo o fato que uma educação tecnicista que objetiva formar trabalhadoras e trabalhadores que aceitem de forma submissa as exigências de seus empregadores e do “mercado” também está a serviço de uma **ideologia**: a ideologia da classe dominante. Grespan fala sobre o conceito de fetichismo em Marx para além da mercadoria: “enquanto as relações humanas se coisificam, as relações entre as coisas adquirem subjetividade, e expressões como o ‘mercado está nervoso’ ou ‘está calmo’ tornam-se lugar-comum nos meios de comunicação” (GRESPLAN, 2021, p. 45). Torna-se frequente então referir-se ao “mercado” como se ele fosse uma entidade dotada de vontade própria. Sobre a ideologia dominante, dizem Marx e Engels:

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção **material** dispõe também dos meios da produção **espiritual**, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão,



portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época (MARX; ENGELS, 2007, p. 47, grifos dos autores).

Ou seja, a ideologia dominante busca fazer as pessoas acreditarem no mito do empreendedorismo, de que o capitalismo é um sistema que dá liberdade para as pessoas escolherem o que fazer, para que cada um possa “ser seu próprio chefe”. Marx detecta a farsa da igualdade entre empregados e empregadores, já que uma das classes não possui os meios de produção. “Esse despojamento, porém, é apresentado pelo capitalismo como o avesso do que é, a saber, como a propriedade que cada trabalhador tem de sua força de trabalho e a liberdade daí decorrente de trabalhar em qualquer lugar ou em qualquer ramo da produção” (GRESPLAN, 2021, p. 11). Paulo Freire também denuncia essa farsa da liberdade dentro da sociedade capitalista a partir de seus mitos:

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-lo e procurar outro emprego. O mito de que esta “ordem” respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. [...] O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem está falando” é ainda uma pergunta dos nossos dias (FREIRE, 1987, p. 137).

A indústria cultural incentiva essa ideologia com as suas variadas mídias, incluindo novelas, programas de televisão sensacionalistas, filmes e músicas. O patrono da educação brasileira já nos alertava para a questão da mídia décadas atrás, salientando que a mídia nunca é neutra pois “na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido.



Daí também o papel apurado que joga a ideologia na comunicação” (FREIRE, 2015, p. 136). Ou seja, o controle da produção da ideologia é também inerente às classes dominantes. Como diz Ludovico Silva:

Ser capitalista não é apenas ser dono do capital material; mas, também, do capital ideológico. O capitalismo não apenas controla os homens economicamente; mas, além disso, os explora ideologicamente. Para dizê-lo com nosso vocabulário: coloca em seu pré-consciente a imagem do mundo como um mercado, o converte em um arsenal de valores de troca, faz do trabalho espiritual uma mercadoria (SILVA, 2017, p. 198).

A educação libertadora é uma concepção educacional que se propõe a combater as opressões das classes dominantes, que usam a concepção bancária de educação para manter a sua dominação ao tentar impedir o desenvolvimento do pensamento crítico dentro da escola. “Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância” (FREIRE, 1987, p. 58). A educação libertadora por sua vez é dialógica: a/o docente aprende ao ensinar e a/o estudante ensina ao aprender: “Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de **aprender** seja precedido do, ou concomitante ao, ato de **apreender** o conteúdo ou o objeto cognoscível, com que o **educando se torna produtor também do conhecimento**” (FREIRE, 1997, p. 118, grifos do autor).

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A **com** B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 83-84, grifo do autor).

Freire acrescenta ainda que “[...] a concepção problematizadora da educação não pode servir ao opressor. Nenhuma ‘ordem’ opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: ‘Por quê?’” (FREIRE, 1987, p. 75). É justamente por isso que nosso patrono da educação é tão perseguido pelas classes opressoras. Tão reconhecido mundo afora, foi perseguido no Brasil em



vida e continua sendo após sua morte, acusado de promover uma educação doutrinária e culpado pelo declínio na educação brasileira – acusações que não se fundamentam. Sérgio Haddad afirma que essas críticas “não têm base empírica que as comprovem: Paulo Freire nunca foi comunista, é pouco lido nas universidades brasileiras, nunca pregou uma educação partidária nas escolas e a crítica à qualidade literária dos seus livros não se sustenta” (HADDAD, 2019, p. 145).

Quando falamos sobre educação, um dos nossos primeiros pensamentos são as crianças, que são invisibilizadas em outros assuntos. Por exemplo, os espaços das cidades e da sociedade em geral não são pensados para **incluir** as crianças, o que muitas vezes acaba por excluir suas mães: a falta de creches em muitas universidades, falta de trocador em banheiros... Apenas em 2021 a Câmara dos Deputados passou a sinalizar a licença-maternidade de parlamentares ao invés de apenas mostrar ausência. A política institucional é, ainda, um espaço pouco acolhedor para crianças, como narra Manuela D’Avila em seu livro *Revolução Laura* (2019): “A construção da presença de Laura nos espaços públicos foi gradual e transformadora. Para mim e para muitos” (p. 56). “Durante a campanha me disseram que o estranhamento da presença de uma mulher com seu bebê no ambiente político apenas reforça a necessidade de termos mais mulheres na política” (p. 59). Ela narra também todas as agressões que sofre em decorrência do ódio à esquerda, agressões quando está inclusive com sua filha, além de *fake news* – que deveriam ser chamadas de mentiras sórdidas.

Os movimentos sociais se tornaram, ao longo dos anos, mais acolhedores e reconheceram a existência e a importância de crianças como parte integrante. Um exemplo é o Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra, que não por acaso se inspira muito na pedagogia freireana: falando sobre os lugares que as crianças do MST ocuparam dentro do movimento ao longo de sua história, Roseli Caldart diz que o primeiro “foi como **testemunhas** da luta de suas famílias, ou seja, estavam lá e acompanhavam, sofriam o desenrolar dos fatos de cada ocupação, de cada acampamento, de cada assentamento” (CALDART, 2004, p. 302, grifo nosso). Ela afirma que o testemunho das crianças nunca é passivo, colocando em seguida um relato de Frei Sérgio Görge sobre uma ocasião em que o acampamento de Encruzilhada Natalino em Ronda Alta estava cercado pelo exército nacional e pela policial federal, em 1981:



Meu coração estava aflito e minha mente perturbada. Naquelas condições não havia resistência possível. Foi quando me chamou a atenção uma criança de uns quatro anos, sentada em cima de um tronco de árvore, na beira da estrada quase ao centro do acampamento, parecendo alheia a tudo que ali se passava, sem se importar com o aparato militar que a rodeava, cantava a plenos pulmões a música-hino dos sem terra naquela época: “A Grande Esperança”. Parei tomado de emoção ouvindo aquela voz infantil rompendo o silêncio imposto pela ditadura militar e pelas elites aos camponeses pobres [...]. Naquele momento vi-me tomado de uma súbita certeza: este povo vai resistir e vai vencer. Pela simples razão de que só assim haveria esperança de futuro para aquela criança e a multidão de outras que se acotovelavam, sofriam e brincavam pelos barracos daquele acampamento. E assim se deu. A criança venceu o coronel que hoje é cinza na história (CALDART, 2004, p. 303-304).

As crianças se tornaram parte da identidade Sem Terra, ganhando até um nome próprio: Sem Terrinhas. “[...] as crianças começaram a **entrar em cena** como personagens que criam seus próprios **espetáculos**, exigindo seus direitos também como integrantes desse Movimento e dessa organização social que vem produzindo sua identidade específica” (CALDART, 2004, p. 306, grifos da autora).

Ou seja, as crianças podem e devem estar envolvidas com a sua comunidade, pensar em suas reivindicações e se articular das suas próprias maneiras. Muitas vezes subestimamos o entendimento que as crianças têm do mundo na tentativa de protegê-las das violências e das opressões que o “mundo adulto” traz. E acabamos deixando de enxergá-las como sujeitos que possuem angústias, desejos e potenciais.

Durante a pandemia, as crianças perderam o contato com seus círculos de amizade e passaram por inúmeras dificuldades em relação ao ensino remoto, ao falecimento de familiares e até mesmo com o aumento da violência doméstica. Picornelli-Lucas afirma que, com o isolamento social e a perda de contato com professoras/es e outras pessoas externas ao círculo familiar, as crianças tornam-se mais vulneráveis, um problema muitas vezes invisibilizado. Acrescentando que,



[...] além da vulnerabilidade que implica na insegurança econômica e isolamento em espaços confinados, o fechamento das escolas e a vida familiar em período integral, sem que as crianças tenham contato com suas redes sociais físicas, transformaram a violência intrafamiliar em um dos riscos invisíveis dessa pandemia (PICORNELL-LUCAS, 2020, p. 14).

No que se refere aos órfãos da Covid, há uma verdadeira invisibilização dos dados. Uma estimativa do *Imperial College* aponta que 5 milhões de pessoas em todo o mundo devem ter perdido os pais durante a pandemia; no Brasil não há dados concretos sobre isso⁵. Essa é uma dor invisível com a qual nossa sociedade deverá lidar durante os próximos anos. Faz-se necessário criar políticas de acolhimento, é essencial pensar que “uma sociedade não pode ser entendida sem crianças e adolescentes. E agora é a hora de focar no impacto que esta pandemia está tendo e terá no futuro próximo no bem-estar social e educacional deles” (PICORNELL-LUCAS, 2020, p. 17).

A escola precisa ser um espaço de acolhimento, compreensão e empatia para receber de volta as crianças após o longo período de ensino remoto emergencial. É preciso compreender as dificuldades pessoais por que cada estudante passou, problemas de saúde física e mental, sem exigir um produtivismo desalmado para compensar as lacunas na aprendizagem. Caso contrário, não haverá diferença entre nós, professoras e professores, e a tal entidade capitalista “mercado”, que suga até o sangue e a alma da classe trabalhadora. Como nos ensinou Paulo Freire, **a educação é um ato de amor e de coragem** e precisamos nos lembrar disso nesses tempos sombrios repletos de ódio.

Frente a esse ódio, a escola pode e deve se colocar contra as opressões e preconceitos, por exemplo o androeurocentrismo, que:

[...] é a junção de dois problemas frequentes que enfrentamos na sociedade: o androcentrismo e o eurocentrismo. São preconceitos e estereótipos enraizados em nossa sociedade, presentes também na escola a partir da definição do que – e de quem – é estudado, das referências em livros didáticos e da postura de professoras e professores (KAWAGUCHI, 2021, p. 36).



Essa visão que coloca como padrão a ser admirado e seguido o homem cisgênero, héterossexual e branco é naturalizada, então “se não tivemos a oportunidade de conhecer outras visões, muitas vezes reproduzimos preconceitos [...]. Por isso mesmo a escola é um espaço tão importante. É nela que as alunas e alunos podem ter contatos com outras concepções, outras visões de mundo, outras culturas” (KAWAGUCHI, 2021, p. 33). A compreensão das diversas formas de opressão, que são também parte constituinte de uma sociedade capitalista, é um primeiro passo para a educação libertadora.

É natural haver o receio de perseguições, ameaças e punições – infelizmente são inúmeros os casos que aconteceram nos últimos anos. Por isso é mesmo é preciso coragem para seguir lutando. Diz Freire:

Quando começamos a ser envolvidos por medos concretos, tais como o de perder o emprego, o de não ser promovidos, sentimos a necessidade de estabelecer certos limites a nosso medo. [...] O que não posso permitir é que meu medo me imobilize. Se estou seguro do meu sonho político, com táticas que talvez diminuam os riscos que corro, devo prosseguir na luta (FREIRE, 1997, p. 58).

Em oposição ao negacionismo, as crianças são uma afirmação do futuro, da esperança. Qual futuro queremos? Precisamos de uma educação popular articulada com movimentos sociais e que combata as opressões para transformar a sociedade – para melhor. Devemos lutar por isso **para** as crianças e **com** as crianças.

Bibliografia

ALBINO, M. **Um ano atrás eu publicava essa imagem, que circulou bastante à época [...]**. Campinas, 29 abril 2021. Instagram: @matheusalbino13. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COQkWfPHhLr/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.



D'ÁVILA, M. **Revolução Laura**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 2 ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GRESPLAN, J. **Marx: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2021.

HADDAD, S. Paulo Freire, o educador proibido de educar. In: CÁSSIO, F. (Org.) **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019.

JAPPE, A et al. **Capitalismo em quarentena: notas sobre a crise global**. Tradução de João Gaspar et al. São Paulo: Elefante, 2020.

KAWAGUCHI, P. Androeurocentrismo na arte-educação: perspectivas feministas e anticoloniais para levar à sala de aula. In: SANTOS, R. C. D.; CARNEIRO, M.; ROSSETTI, D. (Org.) **Pesquisa em Arte, Mídias e Tecnologia: Textos selecionados**. Rio Branco: Stricto Sensu, 2021.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASCARO, A. L. **Crise e pandemia**. São Paulo: Boitempo, 2020.



PICORNELL-LUCAS, A. As crianças e os adolescentes confinados e invisíveis. In: MOREIRA, T. A. S. et al. **COVID-19, infância e adolescência**: o novo mundo é um jardim ou uma cela? Editora Terra sem Amos: Brasil, 2020.

SILVA, L. **A mais-valia ideológica**. Florianópolis: Insular, 2017.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

1 Mestra em Música, Unicamp. patricia@nocmoon.com

2 Disponível em: <https://istoe.com.br/dono-do-madero-diz-que-brasil-nao-pode-parar-por-5-ou-7-mil-mortes/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

3 Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/03/26/interna_mundo,840540/erramos-um-mes-apos-campanha-para-nao-parar-milao-tem-4-4-mil-mort.shtml. Acesso em: 19 nov. 2021.

4 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/propaganda-brasil-nao-pode-parar-foi-um-ato-isolado-diz-governo-ao-supremo/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

5 Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-24/invisiveis-orfaos-da-covid-19-encaram-a-dor-e-o-desamparo-tentamos-seguir-a-nossa-vida.html>. Acesso em: 19 nov. 2021.